

*Os limites do corpo na letra:
subjetividades à margem em
Diamela Eltit*

*The limits of the body on the
language: subjectivity on the
sidelines in Diamela Eltit*

Rafaela **SCARDINO**

UFES–Universidade Federal
do Espírito Santo– Vitória (ES).
Doutoranda no Programa de
Pós-Graduação em Letras.

rafaelascardino@yahoo.com.br

Alexandre **MORAES**

UFES–Universidade Federal
do Espírito Santo–Vitória (ES).
Professor no Programa de
Pós-Graduação em Letras.

alexjmm@gmail.com

Resumo

Este trabalho busca analisar o romance *Los vigilantes*, da chilena Diamela Eltit, a partir do (des)ordenamento proposto pelo corpo-linguagem da criança cujos monólogos iniciam e encerram o texto. Na obra, a criança levará a linguagem ao limite, na iminência de se dissolver em suas pulsões. A marginalidade da criança e seu desajuste em relação à racionalidade vão permitir a subtração à disciplina e vigilância impostas pela organização social a que se encontram submetidos, durante boa parte do romance, mãe e filho.

Palavras-chave: Diamela Eltit; Corpo; Poder; Linguagem.

Abstract

We analyze the novel *Los vigilantes*, by Chilean author Diamela Eltit, from the (dis)ordering proposed by the body-language of the child whose monologues begin and conclude the text. In this novel, the child will lead language to its limits, on the verge of dissolving into his drives. The marginality of the child, his misfit in relation to rationality, will allow the subtraction to the discipline and vigilance imposed by social organization to which mother and son are subjected during a good part of the novel.

Keywords: Diamela Eltit; Body; Power; Language.

O sentido, por vezes, parece ficar fora do acontecimento, fora da linguagem. E, assim, fora da linguagem, será preciso forçar seus limites: no romance *Los vigilantes*, de Diamela Eltit, a criança será o *infans*¹, aquele que está além e aquém da linguagem – fora de suas margens reconhecíveis, portanto –. Será, ainda, quem poderá, com seu corpo convulso, levar a linguagem a seu limite e aproximar-se da constituição da experiência, até mesmo por testemunhar a sua impossibilidade, na iminência de se dissolver em suas pulsões.

No texto, o filho não tem acesso à linguagem usual, mas fala com o corpo, ou melhor, deixa o corpo falar, carente de bordas: “Meu corpo laxo fala, minha língua não tem musculatura. Não fala” (ELTIT, 2004, p. 35)². É esse corpo sem limites que limitará, mesmo graficamente, a linguagem de uma organização supostamente racional da mãe. O romance começa e termina com monólogos do filho, dando espaço e, ao mesmo tempo, acolhendo a desagregação linguística da mãe, a escrever para um pai que, mesmo ausente, se considera no direito de ditar ordens e intervir no comportamento dela e no da criança. A avó do menino atua como uma enviada das ordens do pai, aquela que deverá exercer *in loco* a vigilância paterna. Diante de suas visitas, escreve a mãe, o “filho se defende e lhe oculta o prodigioso desenvolvimento de um impressionante jogo corporal” (ELTIT, 2004, p. 71)³. Seu corpo “se

1 | A palavra *infans* vem do verbo latino *fari*, falar, em sua forma *fans*, participio presente. O infante, portanto, seria aquele que não fala.

2 | Quando os textos não contarem com edição em língua portuguesa indicada na bibliografia, as traduções são de minha autoria. No original: “*Mi cuerpo laxo habla, mi lengua no tiene musculatura. No habla*”.

3 | No original: “*Tu hijo se defiende y le oculta el prodigioso desarrollo de un impresionante juego corporal*”.

4 | No original: *“su cuerpo se ausenta y se presenta, cae y se levanta, se enreda sobre sí mismo, huye, se fuga, se amanece luego de una larga vigilia, se conduele del estado de sus miembros”*.

ausenta e se apresenta, cai e se levanta, se enreda sobre si mesmo, foge, se escapa, se amanhece depois de uma larga vigília, se condói do estado de seus membros” (ELTIT, 2004, p. 71) ⁴. Assim, frente ao ordenamento representado pela avó, o corpo do menino, aquilo que instaura a cisão na linguagem, deixa falar o deslocamento das operações de desestabilização do poder. Seu corpo comporta-se como a multidão: responde com um silêncio propositivo à exigência de uma determinada ordem discursiva.

Seu corpo, afirma a mãe, é o “reduto da cerimônia” (Cf. ELTIT, 2004, p. 71), agenciamento que só se pode dar dentro de um contexto social, implicando sempre a inclusão do outro. Transformar o próprio corpo no reduto da cerimônia é constituir, a partir desse corpo, uma experiência política que (re)coreografa um ordenamento (discursivo, mas também corporal) que busca roteirizar esse corpo, inseri-lo na dimensão do arquivo. É um corpo que não conhece a experiência do “instante de um limite” (Cf. ELTIT, 2004, p. 71) que lhe tenha sido imposto por uma determinação que se pretenda totalitária.

Diana Taylor propõe que existe uma oposição, em termos de performances sociais, entre os domínios do arquivo e do repertório. O arquivo está ligado ao registro, àquilo que resiste à mudança. “O fato de que a memória arquivar consegue separar a fonte de ‘conhecimento’ do conhecedor – no tempo e/ou espaço – leva a comentários, como o feito por Certeau, de que ela é ‘expansionista’ e ‘imunizada contra a alteridade’” (TAYLOR, 2013, p. 49). O repertório, por sua vez, corresponderia à encenação de uma memória incorporada, “em suma, todos aqueles atos geralmente vistos como conhecimento efêmero, não reproduzível” (TAYLOR, 2013, p. 49), como a própria linguagem. “O repertório ao mesmo tempo guarda e transforma as coreografias de sentido” (TAYLOR, 2013, p. 50).

Assim, cabe estacar que as ações da criança e sua própria forma de estar no mundo desestabilizam não somente o ordenamento externo representado pelo pai e por seus vizinhos, a avó e os vizinhos que lhe dão conta do que se passa na casa da ex-mulher. Esses atos desestabilizam também a mãe, instaurando uma cisão em seu ordenamento subjetivo, submetido aos influxos do poder paterno.

As gargalhadas do filho são, para a mãe, “ruídos inóspitos” que a “descompõem” (Cf. ELTIT, 2004, p. 54) e dos quais deverá se proteger. Esses sons estão inseridos no mutismo da criança como um resto de linguagem que impede a coincidência do discurso materno com a opressão paterna. São essas gargalhadas, pulsão de vida, que, tensionando as margens da linguagem, trazem à tona o descompasso entre as ações e crenças da mãe e aquelas de seu ex-marido e vizinhos, como se verá quando abrigar os desamparados açoitados pelo frio. É por isso que serão vigiados e, conseqüentemente, estarão sempre em vigília, mãe e filho, sujeitos que não se adéquam à ordem e à coreografia imposta pelo poder patriarcal que busca constranger-lhes.

“O corpo sedentário de teu filho”, escreve a mãe, “batalha contra o nomadismo de seus membros” (ELTIT, 2004, p. 71) ⁵. Esse corpo sem limites está sempre à beira da pul-

5 | No original: *“el cuerpo sedentario de tu hijo batalla contra el nomadismo de sus miembros”*.

verização, porém afirma, com seu sedentarismo, o desejo de instituição de relações de pertencimento. É um corpo que exclui qualquer relação positiva de identidades, mas que também se opõe ao nomadismo de uma organização econômico-subjetiva-social que obriga à movimentação e hostiliza a criação de laços.

A escrita pertence aos adultos: o menino inicia seu primeiro monólogo afirmando que “[m]amãe escreve. Mamãe é a única que escreve” (ELTIT, 2004, p. 35) ⁶. O filho, no entanto, quer afastá-la da escrita — isto é, da estabilidade dos sentidos — que significa a submissão ao pai, ao qual o menino se refere como “aquele que escreve”, que fixa uma palavra. A escrita, o uso monitorado da linguagem, pertence, portanto, aos adultos, os quais, por meio dela, exercem seus jogos de poder: o pai busca submeter a mãe, que se deixa vitimizar, vigiar. O filho fica reduzido a um corpo emergencial, quase incomunicável, porque se recusa a entrar nos jogos de poder dos adultos, pois seu território é o da fluidez. Coloca-se à parte, criando um novo registro da experiência em que tudo deve ser criado a partir das urgências do corpo.

Sua relação com a linguagem é a de uma falta, uma desagregação, um despedaçamento, que, quando nomeados de forma ininteligível para os adultos, utilizando-se de seus termos, dará fim à especificidade da experiência do menino: “Quando possa dizer a palavra fome esta história terá terminado” (ELTIT, 2004, p. 38) ⁷. Por outro lado, adentrar a lógica discursiva dos pais (ou, melhor dito, do pai, que a impõe à mãe e, de forma enviesada, ao menino) será também opor um poder discursivo à coerção paterna: “Quando eu fale impedirei que mamãe escreva. Ela não escreve o que deseja” (ELTIT, 2004, p. 39) ⁸.

O pai como figura do poder

Segundo Idelber Avelar, o pai é a representação do *nom-du-père* que aliena “o corpo da mãe do balbuciente desejo do filho” (AVELAR, 2003, p. 208). Assim, o pai ocuparia, também, o lugar psíquico da lei. Interessa aqui, entretanto, analisar as ressonâncias sociais dessa encarnação da lei, ou seja, do poder. Um poder que — ainda que vacilantemente nomeado e localizado — é invisível e espraia-se capilarmente pela cidade, tendo nos vizinhos sua principal força vigilante.

O poder do pai sobre a mãe manifesta-se de forma mais evidente pela escrita. Sua insistência nas cartas, na escritura de cartas, é uma forma, também, de submeter o corpo mesmo da mãe, corpo que, como será visto, irá transformar-se em letra num movimento de destituição da linguagem:

Você insiste no imperativo da correspondência e em minha obrigação em responder suas cartas. Se não te escrevo, você diz que tomará uma decisão definitiva. Vejo que outorga à letra um valor sagrado e, dessa maneira, me inclui no seu rito particular sem se importar com minhas dificuldades, como o prazer que te dá ter o controle so-

6 | No original: “*Mamá escribe. Mamá es la única que escribe*”.

7 | No original: “*Cuando pueda decir la palabra hambre esta historia habrá terminado*”.

8 | No original: “*Cuando yo habe impediré que mamá escriba. Ella no escribe lo que desea*”.

9 | No original: “Insistes en el imperativo de la correspondencia y en mi obligación de responder a tus cartas. Si no te escribo, dices, tomarás una decisión definitiva. Veo que le otorgas a la letra un valor sagrado y de esa manera me incluyes en tu particular rito sin importarte mis dificultades, como no sea el placer que te ocasiona tomar el control sobre mis días y el trabajoso incidente caligráfico en que transcurren mis noches”.

bre meus dias e o trabalhoso incidente caligráfico em que transcorrem minhas noites (ELTIT, 2004, p. 77) ⁹.

Analizando as promessas não cumpridas da democracia, Norberto Bobbio afirma que um de seus principais “fracassos” é o “poder invisível”. “Um dos lugares comuns de todos os velhos e novos discursos sobre a democracia”, escreve o pensador italiano, “consiste em afirmar que ela é o governo do ‘poder visível’” (BOBBIO, 1986, p. 83). No entanto, sabe-se, especialmente os que vivem nas jovens democracias pós-ditatoriais latino-americanas, que os ordenamentos do poder continuam a ser, muitas vezes, invisíveis, escondendo-se, por exemplo, sob a máscara de uma tecnocracia que apenas afasta as forças populares das discussões sobre os interesses públicos. Como visto no capítulo anterior, estabelecem-se, na democracia, dispositivos legais que garantem a assimetria das relações de poder. Num momento similar, em que se fortalecia a implantação do neoliberalismo no Chile, Eltit, quem teve uma destacada participação em movimentos de resistência à ditadura de Pinochet, publica *Los vigilantes* no exílio mexicano, tocada não apenas pela situação de manutenção/ampliação das mazelas sociais no Chile, mas com uma perspectiva continental:

[E] u estava muito afetada, como pessoa, nesse momento, pela mudança de discurso na América Latina. Isso eu tenho que dizer. Ou seja, nesse sentido, pense que este romance eu escrevi depois de 17 anos de ditadura, com tudo o que sabemos dela, mas passar, depois de 17 anos de ditadura, como saída, à instalação de uma questão neoliberal crítica, para mim, como escritora, como pessoa, como tudo, me afeta. Encontrei um minuto cheio de signos sociais dramáticos. Achava perigoso o que via, dramático, ainda que não morasse aqui [no Chile], mas em viagens, quando se volta, eu estava vindo umas duas vezes por ano, eu via, como diria Parra, como estava mudando minha “tribo”. Minha tribo estava mudando. Gente com quem convivi estava mudando. Estavam mudando as relações sociais, a questão literária. Se instalava o mercado. E isso não era somente aqui. No México e em outras partes da América Latina se via o mesmo. Então sim, creio que me afetou, nesse sentido me afetou, e o vi mais dramático, digamos, o afastamento, a exclusão, a indiferença, a solidão (apud KAEMPFER, 2001, p. 35) ¹⁰.

Sobre as relações entre a literatura e o poder institucionalizado, Ricardo Piglia escreve que o Estado não pode funcionar apenas por pura coerção, necessita “forças fictícias”: “Necessita construir consenso, necessita construir histórias, fazer crer certa versão dos feitos. Me parece que há, aí, um campo de investigação importante nas relações entre política e literatura, e que talvez a literatura nos ajude a entender os funcionamentos dessas ficções” (PIGLIA, 2001, s/p) ¹¹. No romance de Eltit, a força do pai se organiza como o poder do Estado, especialmente do Estado neo-

10 | No original: “estaba muy afectada yo, como persona, en ese momento, por el cambio de discurso en Latinoamérica. Eso sí te lo tendría que decir. O sea, en ese sentido piensa tú que esta novela yo la escribo después de 17 años de dictadura, con todo lo que sabemos de ella, pero pasar después de 17 años de dictadura, como salida, a la instalación de una cuestión neoliberal crítica, para mí, como escritora, como persona, como todo, me afectó. Encontré sí que estaba lleno de signos sociales dramáticos ese minuto. Lo que veía lo encontraba peligroso, dramático, pesa a que yo no vivía acá, pero en los viajes, cuando uno vuelve, yo estaba viniendo una o dos veces al año, yo veía, como diría Parra, cómo estaba cambiando mi ‘tribu’. Mi tribu estaba cambiando. Gente con la que uno habitó estaba cambiando. Estaban cambiando las relaciones sociales, la cuestión literaria. Se instalaba el mercado. Y eso no era acá no más. En México y otras partes de Latinoamérica tú veías lo mismo. Entonces sí creo que me afectó, en ese sentido me afectó, y lo vi más dramático, digamos, el retiro, la exclusión, la indiferencia, la soledad”.

liberal, um poder invisível cujas ficções dominam as vidas e os pensamentos daqueles que estão sob seu jugo. O ordenamento paterno espalha-se pela cidade, contamina os espaços urbanos, que já não se oferecem à convivência, mas à segregação social e à vigilância que visa apagar qualquer desvio de conduta: “A vigilância se estende e cerca a cidade. Esta vigilância que auspiciam os vizinhos para implantar as leis que, asseguram, porão freio à decadência que se adverte” (ELTIT, 2004, p. 53) ¹².

As descrições da cidade feitas pela mãe parecem ecoar o disciplinamento hierarquizado das cidades europeias tomadas pela peste em *Vigiar e punir*, de Michel Foucault. O estudioso francês afirma que a “ordem responde à peste”,

ela tem como função desfazer todas as confusões: a da doença que se transmite quando os corpos se misturam; a do mal que se multiplica quando o medo e a morte desfazem as proibições. Ela prescreve a cada um seu lugar, a cada um seu corpo, a cada um sua doença e sua morte [...] (FOUCAULT, 2012, p. 163).

Na cidade do romance, a palavra “peste” poderia ser substituída por “desamparados”, pois os vizinhos, escreve a mãe, têm um “acordo de fechar as portas aos desamparados” (ELTIT, 2004, p. 90) ¹³. Após oferecer abrigo a algumas dessas pessoas, a mãe passa a ser ainda mais vigiada pelos vizinhos, tornando-se um perigo real à ordem das coisas:

Os vizinhos estão à caça de desamparados e estabeleceram um miserável acordo com certos indivíduos que lhes servirão para seus fins. Chegaram até minha casa dispostos a me converter na primeira vítima, a provar com meu corpo a correção de seus planos. [...] Você fez de meus vizinhos seus aliados para conseguir o que você mesmo não pode lograr. Os vizinhos se transformaram em caçadores, aterrados frente a tudo que ameaça seus espaços. Eles pensam que seus espaços estão ameaçados pela fome que circunda as ruas e não estou certa de que não é um rumor que cada um colocou em movimento para combater seu próprio tédio. A vigilância é o exercício que os mantém alertas. [...] Temiam que eu tivesse uma aliança com os desamparados, diziam que um complot contra a harmonia de Ocidente se estendia pela cidade e que todas as suas casas estavam na mira de uma insurreição que ainda não tinha uma forma nítida (ELTIT, 2004, p. 92-93) ¹⁴.

Pode-se notar, pela insistência no uso da palavra “espaço”, que o que se quer proteger é um ordenamento espacial que evitará a mistura e o contágio. O outro extremo, aquele com quem os vizinhos negam compartilhar até mesmo sua condição de seres humanos, deve ser excluído dos espaços de circulação da cidade.

Outra questão importante a ser discutida é a horizontalidade da vigilância: a disciplina deve exercer-se sobre todos os corpos, e todos devem garantir seu cumprimento.

11 | No original: “Necesita construir consenso, necesita construir historias, hacer creer cierta versión de los hechos. Me parece que ahí hay un campo de investigación importante en las relaciones entre política y literatura, y que quizás la literatura nos ayude a entender el funcionamiento de esas ficciones”.

12 | No original: “La vigilancia se extiende y cerca la ciudad. Esta vigilancia que auspician los vecinos para implantar las leyes, que aseguran, pondrán freno a la decadencia que se advierte”.

13 | No original: “acuerdo de cerrar las puertas a los desamparados”.

14 | No original: “Los vecinos están a la caza de desamparados y han establecido un miserable acuerdo con ciertos individuos que les servirán para sus fines. Llegaron hasta mi casa dispuestos a convertirme en la primera víctima, a probar desde mi cuerpo la certidumbre de sus planes. [...] Has hecho de mis vecinos tus aliados para lograr lo que tú mismo no puedes conseguir. Los vecinos se han transformado en cazadores de presa, aterrados frente a todo aquello que amenace sus espacios. Ellos piensan que sus espacios están amenazados por el hambre que circunda las calles y no estoy segura de si es un rumor que cada uno ha puesto en movimiento para combatir su propio tedio. La vigilancia es el ejercicio que los mantiene alertas. [...] Temían que yo tuviera una alianza con los desamparados, decían que un complot contra la armonía de Occidente se extendía por la ciudad y que todas sus casas estaban en la mira de una insurrección que aún no tenía una forma nítida”.

Induz-se, assim, um estado de consciência da vigilância, que a internaliza e assegura sua eficácia. Há uma automatização e desindividualização do poder que assegura a manutenção de suas relações assimétricas, em que são todos “objeto[s] de uma informação, nunca sujeito[s] de uma comunicação” (FOUCAULT, 2012, p. 166). Esse processo de horizontalização da vigilância torna-a invisível, enraizada na organização dos sujeitos sociais de forma a não se poder identificá-la a um sujeito ou instituição que, eliminado, desse lugar a outro ordenamento social.

A respeito do poder invisível, Bobbio escreve que

[c]onsiderando o casal comando-obediência como o casal característico da relação assimétrica de poder, quem comanda é tanto mais terrível quanto mais está escondido [...]; quem deve obedecer é tanto mais dócil quanto mais é perscrutável e perscrutado em cada gesto seu, em cada ato ou palavra (BOBBIO, 1986, p. 98).

Dessa forma, a relação que se estabelece entre o pai e mãe da criança parece, num primeiro momento, fazer eco às afirmações do pensador italiano quando fala de “comando-obediência”. Não se nega que a relação de poder entre os dois seja assimétrica, exatamente o contrário. A mãe parece indefesa diante da vigilância da ex-sogra e dos vizinhos e também parece não ter acesso às instituições jurídicas de instalação e exercício do poder, pois se submete às ameaças do pai de um juízo que lhe tiraria a guarda do menino. Efetivamente, a imagem do pai configura uma imagem do poder invisível, como se pode ver nos trechos: “Não sei quem você é, pois está em todas as partes, multiplicado em mandatos, em castigos, em ameaças que rendem honras a um mundo inabitável” (ELTIT, 2004, p. 121) ¹⁵ e “Ah, já não sei quem você é, mas no entanto estou certa do lugar que ocupa. Como se fosse um legislador corrupto, um policial, um sacerdote absorto, um educador fanático” (ELTIT, 2004, p. 122) ¹⁶. O pai encarna, assim, o ordenamento da lei. Não pode ser alvo ou objeto de análise. Não tem referente para um questionamento: o referente é ausente.

Interessa-nos destacar, também, a descrição do pai como um “educador fanático”, pois um dos pontos de tensão entre os adultos é a expulsão da criança da escola. Foucault escreve que a escola “não deve simplesmente formar crianças dóceis; deve também permitir vigiar os pais, informar-se de sua maneira viver, seus recursos, sua piedade, seus costumes” (FOUCAULT, 2012, p. 174). A insistência do pai para que a criança retorne à escola é uma insistência para sua inclusão no ordenamento da lei, das disciplinas. Uma operação de bordeamento desse corpo pulsional que se recusa a adentrar à linguagem paterna. A escola seria, como os vizinhos, mais um vigilante que permitiria ao pai “ver sem ser visto”.

A mãe, todavia, busca opor-se a esse ordenamento, acolhendo em sua casa os desabrigados que vagam pelo frio da cidade, não por acaso denominada Ocidente. Seu ato é

15 | No original: “No sé quién eres pues estás en todas partes, multiplicado en mandatos, en castigos, en amenazas que rinden honores a un mundo inhabitable”.

16 | No original: “Ah, ya no sé quién eres pero, sin embargo, estoy cierta del lugar que ocupas. Como si fueras un legislador corrupto, un policía, un sacerdote absorto, un educador fanático”.

considerado extremamente condenável pelos vizinhos e pelo pai da criança, dando início a duas novas formas de ameaça: a presença da mãe do ex-marido, uma enviada que deverá somar-se à vigilância dos vizinhos, tendo acesso, ainda por cima, ao interior da casa; e a constante ameaça de um processo judicial que lhe tirará o menino.

A escrita das cartas, imposição paterna, deverá rebelar-se à vigilância dos vizinhos, à ordem do discurso do pai, e ser o registro de um sujeito que não se submeterá docilmente à suposta proteção oferecida pela lei, atuando como o escritor pigliano, que contrapõe relatos às ficções estatais, “contrarrumores”, “micronarrativas”, ficções anônimas cuja circulação deverá minar a totalidade da narrativa do poder. O escritor, continua Piglia, “é o que sabe ouvir, atento a essa narração social, e também o que as imagina e escreve” (PIGLIA, 2001, s/p) ¹⁷. Assim, uma de suas últimas cartas dirá:

Você ousa dizer que os vizinhos quiseram me proteger, assim pretende encobrir esta extensa vigilância. Você disse que quiseram me proteger de mim mesma e de minha perniciosa inclinação para rituais que todos querem esquecer. Mas eu sabia que se participava dos pobres costumes, do vazio, do tendencioso rumor que promovem os vizinhos, teria acabado praticamente morta, me teria convertido em uma figura submetida e inanimada. Não posso aceitar que a cidade seja dividida entre o visível e o invisível para assim inventar uma imparcialidade que desemboque na orgiástica soberba da satisfação (ELTIT, 2004, p. 121) ¹⁸.

A mãe, cujo nome só é conhecido na última carta, afirma, assim, aquilo que Paloma Vidal (2006) chamou de uma “comunhão com as margens” na literatura de Eltit. Cita-se, mais uma vez, uma fala da escritora chilena, que deixa claro não apenas esse procedimento, mas também o lugar da marginalidade em sua escrita

[P]enso que talvez seja na estrutura onde verdadeiramente se situe o que possa se entender por marginalidade e o que marcou minha própria margem como escritora. A palavra e sua centralização ou descentralização, seu acordo estético, seu jogo e sua trapaça e a torção constituem dentro do processo de escrita o maior desafio que devo afrontar. [...] Mais importante para mim é amparar-me em todas as ambiguidades possíveis que me outorga o hábito de escrever com a palavra e a partir dela emitir umas poucas significações (apud LABORDE, 2013, p. 282-283).

As margens, na obra de Eltit, contaminam a linguagem, conformam-na, organizam os personagens. A mãe vai permitir a contaminação por essas margens que deslocam o ordenamento do discurso e vai partilhar com o filho de sua língua laxa, falada sobretudo com/pelo corpo.

17 | No original: “es el que sabe oír, atento a esa narración social, y también el que las imagina y las escribe”.

18 | No original: “Osas decir que los vecinos han querido protegerme, así pretendes encubrir esta extensa vigilancia. Dijiste que quisieron protegerme de mí misma y de mi perniciosa inclinación hasta rituales que hoy todos quieren olvidar. Pero yo sabía que si participaba de las pobres costumbres, del vacío, del tendencioso rumor que promueven los vecinos, habría estado prácticamente muerta, me hubiera convertido en una figura sometida e inanimada. No puedo aceptar que la ciudad sea dividida entre lo visible o lo invisible para así inventar una imparcialidad que desemboque en la orgiástica soberbia de la satisfacción”.

Durante boa parte do período em que escreve as cartas ao ex-marido, a mãe apegase à fixidez da escrita como à lei, mas a experiência, mostra o texto, só pode se dar na fissura da fixidez da linguagem, numa fissura à lei, especialmente num contexto pós-ditatorial.

Um dado interessante é que um possível momento de virada na atitude da mãe em relação à ordem paterna – patriarcal – é o relato de um sonho, ou seja, uma abertura para o que escapa à estrita racionalidade da vigília: “Agora sei que meu pescoço não é unicamente material para a decapitação, nem meu olho o caminho para a cegueira. Entendi, a partir da sabedoria que continha meu sonho, que minha carne não é apenas a via para que você efetue a melhor caminhada” (ELTIT, 2004, p. 96) ¹⁹. E a possibilidade de sair do jugo discursivo do pai passa, necessariamente, pelo corpo.

Quando se encerra a escrita da mãe, surge novamente o discurso desordenado do filho. Os dois agora habitam as ruas, e é o menino quem deverá responsabilizar-se pela mãe. Fora da escrita, a mãe perde o acesso à linguagem, pois não pode, ainda, deixar falar seu corpo: “Agora mamãe não fala. Não fala. Mamãe é a TON TON TON Ta das ruas da cidade” (ELTIT, 2004, p. 134) ²⁰. Assim, a mãe troca de lugar com o menino que deixa de ser o TON TON TON To da casa, sendo responsável pela sobrevivência dos dois no espaço público. Na passagem do espaço privado (privatizado) da casa para o espaço público (abandonado) das ruas, será a linguagem laxa do corpo sem bordas aquela que estabelecerá as negociações espaciais. O menino passa, então, a ser aquele que saberá falar a linguagem das ruas; responsável pela mãe, acabará, em sua organização pulsional, por fundir-se a ela: “Mamãe ainda conserva alguns de seus pensamentos. Os pensamentos que conserva são meus. São meus. Eu sou idêntico à unha, ao dedo, à mão submissa de mamãe” (ELTIT, 2004, p. 131) ²¹. Ele deve conduzir a mãe à possível sobrevivência nas ruas a partir de uma força que nasce do corpo: “Agora mamãe e eu só temos a carne de nossos corpos” (ELTIT, 2004, p. 133) ²². E reafirmará que a mãe não soube lidar com o pai sem alguma submissão ao seu poder, sucumbindo à sua invisibilidade:

Mamãe nunca soube para quem era sua palavra. Para quem era sua palavra árida e inútil. [...] Minha cabeça de TON TON TON To sempre adivinhou que mamãe ia ser derrotada pela aridez da página. Da página. Quis morder, rasgar mamãe para afastá-la de sua inútil letra. Eu não falo. Não falo (ELTIT, 2004, p. 133) ²³.

O monólogo do filho, com uma alta carga poética, diferencia-se da escrita da mãe, totalmente inserida na tradição da prosa de registro, documentação jurídica, econômica. A criança assume o controle discursivo, deslocando as estruturas de poder que foram sendo construídas durante todo o romance. Sua “cabeça de TON TON TON To”, ou seja, seu desajuste em relação à racionalidade permitirá que mãe e filho comuniquem-se com as ruas,

19 | No original: “*Ahora sé que mi cuello no es únicamente el material para la decapitación ni mi ojo el paso a la ceguera. Entendí, desde la sabiduría que contenía mi sueño, que mi carne no es sólo el sendero para que tu efectúes la mejor caminata*”.

20 | No original: “*Ahora mamá no habla. No habla. Mamá es la TON TON TON Ta de las calles de la ciudad*”.

21 | No original: “*Mamá todavía conserva algunos de sus pensamientos. Los pensamientos que conserva son míos. Son míos. Yo soy idéntico a la uña, el dedo, la mano avasallada de mamá*”.

22 | No original: “*Ahora mamá y yo sólo tenemos la carne de nuestros cuerpos*”.

23 | No original: “*Mamá nunca supo para quién era su palabra. Para quién era su palabra árida e inútil. [...] Mi cabeza de TON TON TON To siempre adivinó que mamá iba a ser derrotada por la aridez de la página. De la página. Quise morder, desgarrar a mamá para alejarla de su inútil letra. Yo no hablo. No hablo*”.

subtraindo-se à disciplina e vigilância imposta pela organização social a que pertenciam antes, quando proprietários de uma casa, quando ainda faziam parte do mundo em que se separavam espaços de posse e delimitava-se a exclusão da alteridade: “Agora eu estou perto de controlar esta história, de dominá-la com minha cabeça de TON TON TON To. De TON TON TON To. Mamãe e eu terminaremos por nos fundir. Graças a mim, a letra escura de mamãe não fracassou por completo” (ELTIT, 2004, p. 132) ²⁴. A letra que não fracassa por completo pode ser lida, também, como o corpo que não fracassa por completo, um corpo que não chegará à extinção, ainda que abandone certa constituição disciplinária.

Corpo-letra

Em certas passagens do monólogo final da criança, em *Los vigilantes*, é possível ler na palavra “letra” um modo (tensionador) de dizer “corpo”, como nos trechos que seguem: “Estamos mais embaixo, aqui onde a TON TON TON Ta das ruas da cidade PAC PAC PAC PAC destróçou suas costas até desfazer sua letra” (ELTIT, 2004, p. 135) ²⁵; “Arrasto uma letra inútil e distante por uma superfície erma” (ELTIT, 2004, p. 136) ²⁶. Destituída da palavra escrita, à mãe só lhe resta o corpo, com o qual não sabe escrever. Seu deslocamento pela cidade é conduzido pelo filho, quem conhece não apenas a linguagem das ruas, mas a linguagem do corpo.

Após o fim da escrita e o abandono do espaço privado da casa, é o saber do corpo que poderá guiá-los pelo espaço público das ruas. Deparamo-nos com a subversão de uma ordem racional em que a mãe deveria conduzir a criança, mas em que a mulher, devastada pela ordem do poder patriarcal, sucumbe à suposta racionalidade da linguagem, sem poder criar espaços de negociação entre si mesma e o ordenamento discursivo a que estava submetida, perdendo-se na letra de suas cartas.

Ao alcançar as ruas, “a esquina desta única rua que nos faz existir” (ELTIT, 2004, p. 132) ²⁷, a escrita passa ao menino, que escreve com o corpo:

Se chegarmos até a plenitude das chamas derrubaremos os olhos perseguidores que pretendem que a terra desta única esquina sepultem minha letra. Minha letra. Agora eu escrevo. Escrevo com mamãe agarrada nas minhas costelas que baba sem trégua y BAAAM, BAAAM, ri. Ri. Mamãe não quer que eu escreva e se prende a minha perna para arrancar minhas palavras. Palabras (ELTIT, 2004, p. 135) ²⁸.

Aqui também, pode-se pensar “letra” como outro nome para “corpo”, mas, diferentemente da mãe, o menino escreve *com* o corpo. Sua escrita está grafada nas ruas da cidade e, ao acontecer, cria o espaço de sua possível sobrevivência. Sua movimentação coreografa o espaço da cidade, politizando-o.

Nesse espaço delimitado, importa sobremaneira o chão, e suas possibilidades discursivas. Recorre-se, aqui, ao trabalho de André Lepecki sobre as potencialidades políticas da

24 | No original: “Ahora yo estoy cerca de controlar esta historia, de dominarla con mi cabeza de TON TON TON To. De TON TON TON To. Mamá y yo terminaremos por fundirnos. Gracias a mi, la letra oscura de mamá no ha fracasado por completo”.

25 | No original: “Estamos más abajo, acá donde la TON TON TON Ta de las calles de la ciudad PAC PAC PAC PAC se ha destrizado su espalda hasta deshacer su letra”.

26 | No original: “Arrasto una letra inútil y lejana por una superficie yerma”.

27 | No original: “la esquina de esta única calle que nos hace existir”.

28 | No original: “Si llegamos hasta la plenitud de las llamas derrubaremos a los ojos acechantes que pretenden que la tierra de esta única esquina sepulte mi letra. Mi letra. Ahora yo escribo. Escribo con mamá agarrada de mi costado que babea sin tregua y BAAAM, BAAAM, se ríe. Se ríe. Mamá no quiere que yo escriba y se prende a mi pierna para desgarrar mis palabras. Palabras”.

coreografia e dos usos subjetivos do chão. Margarita, a mãe, não consegue lidar com a perda do lugar que lhe era reservado pela vigilância e pelo poder patriarcal. Será a criança – com sua vocação para o pequeno, para os humilhados, para o que é menor (Cf. GAGNEBIN, 1997) – a figura que irá criar laços com a rachadura, com as fissuras (do espaço, da linguagem). É no entre-lugar que desloca os discursos disciplinários que se afirmará o corpo-escritor do menino, em comunhão com o espaço público que lhe foi vetado pelo pai. Cita-se Lepecki:

Porque a rachadura, finalmente, não é mais do que o chão emergindo como força coreopolítica: desequilibrando e desestabilizando subjetividades predeterminadas e corpos pré-coreografados para benefício de circulações que, apesar do agito, mantêm tudo no mesmíssimo lugar. A rachadura já é o chão, já é o lugar, e é com sua parceria que podemos agir o desejo de uma outra vida, de uma outra pólis, de uma outra política [...]

O sujeito que emerge entre as rachaduras do urbano, movendo-se para além e aquém dos passos que lhe teriam sido pré-atribuídos, é o sujeito político pleno (LEPECKI, 2012, p. 57).

A criança de *Los vigilantes* abre-se à alteridade, não apenas do chão, mas se abre ao outro, extremo, da animalidade. Deslocado da ordem paterna, do raciocínio da linguagem e até mesmo de uma suposta contenção humana de suas pulsões, o menino se entrega

a esta noite constelada e desde o chão levantamos nossos rostos. Levantamos nossos rostos até o último, último, o último céu que está em chamas, e ficamos fixos, hipnóticos, imóveis, como cachorros AAUUUU AAUUUU uivando para a lua (ELTT, 2004, p. 138-139) ²⁹.

29 | No original: “a esta noche constelada y desde el suelo levantamos nuestros rostos. Levantamos nuestros rostos hasta el último, último, el último cielo que está en llamas, y nos quedamos fijos, hipnóticos, inmóviles, como perros AAUUUU AAUUUU AAUUUU aullando hacia la luna”.

Referências Bibliográficas

AVELAR, I. *Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho do luto na América Latina*. Trad. Saulo Gouveia. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003

BOBBIO, N. *O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo*. Trad. Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986

ELTIT, D. Los vigilantes. In: _____. *Tres novelas*. México: Fondo de Cultura Económica, 2004, 26-139

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramalhe. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

GAGNEBIN, J.M. Infância e pensamento. In: _____. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 169-184

KAEMPFER, A. Las cartas marcadas: política y convivencia textual en ‘*Los vigilantes*’, de Diamela Eltit. *Confluencia*, 16.2, 2001, p. 32-45

LABORDE, E. P. As emergências de Diamela Eltit: na poética do mal-estar e na resistência política secreta. In: MORAES, A.; SCARDINO, R. (orgs). *Traços de um outro mapa: literatura contemporânea nas Américas*. Vitória: EDUFES, 2013, 277-290

LEPECKI, André. Coreopolítica e coreopolícia. *Ilha*, vol. 13, n. 1, 2012, p. 41-60

PIGLIA, R. Tres propuestas para el próximo milenio (y cinco dificultades). *Casa de las Américas*, La Habana, n. 222, 2001. Disponível em <http://www.casa.cult.cu/publicaciones/revistacasa/222/piglia.htm>. Acesso em 25 jun. 2014

TAYLOR, D. *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Trad. Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013

VIDAL, P. *Depois de tudo: trajetórias na literatura latino-americana contemporânea*. 2006. 234f. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006